



TRILHAS URBANAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA CIDADANIA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Antony Levir dos Santos Melo ¹
Leonardo Silva de Sousa ²
Rafael Felipe Souza Cavalcante ³
Emanuelton Anthony Noberto de Queiroz ⁴
Alexsandra Maria Vieira Muniz ⁵

RESUMO

Este artigo busca trabalhar as trilhas urbanas de Fortaleza-CE, entendendo-as como uma ferramenta importante na (res)significação da geografia pelos docentes. O trabalho tem como base o ensino de Geografia escolar, na busca de valorizar as particularidades das categorias de análise; bairro e cidade. Além da identificação de problemáticas por parte dos alunos. Como metodologia foi utilizado revisão de literatura e participação nas trilhas do bairro Cais do Porto ministrada pelo professor de Geografia da instituição de ensino. Os resultados obtidos são observados na formação crítica do aluno, fazendo-o entender que o pleno direito à cidade ainda é um processo gradativo. Também é possível observar a construção de uma cidadania ativa e territorial, com enfoque na percepção do educando enquanto produtor do espaço urbano que o circunda, levando em consideração os conceitos de cidadania territorial e cidadania ativa, nos moldes de uma educação cidadã para além dos muros da escola.

Palavras-chave: Geografia escolar, Trilhas urbanas, Cidadania.

INTRODUÇÃO

A Geografia escolar, ao longo do tempo, teve uma reformulação. A primeira mudança na formação dos professores que, pouco a pouco, têm transformado a lógica da simples reprodução do conteúdo para o aluno, muito parecido com uma espécie de mimetismo. Por mais que ainda persistam profissionais que adotam uma postura de educação bancária, essa lógica está paulatinamente se invertendo. Na contemporaneidade, mais do que nunca, a formação vai muito além de capacitar o educando no desempenho das destrezas (FREIRE, 2004).

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará- UFC, levirmeloge1@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, leonardosousaufc@gmail.com;

³ Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará-UFC, rafaelfelipeufc2022.1@gmail.com;

⁴ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, emanuelton@alu.ufc.br

⁵ Prof. Dra. do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, geoalessandra@gmail.com



Porém, todo esse processo requer tempo e assimilação. Entretanto, ainda é comum ouvir que a Geografia é apenas “decorar” e utiliza-se de “conceitos abstratos” ou “distantes”. Sendo assim, é importante aproximar a Geografia escolar com o cotidiano dos alunos.

A partir disso é necessário que se busque saídas para ultrapassar essas barreiras e estigmas que impregnaram a ciência geográfica. Como fazer isso? As trilhas urbanas, aliadas a partir das práticas cotidianas e fazendo uso das vivências dos alunos para que se conduza a uma representatividade maior, apresentam-se como uma das alternativas viáveis para vivenciar o cotidiano dos alunos. Segundo Rosa e Souza (2013) é fundamental que as aulas de Geografia conduzam estudos, análises e reflexões que permitam os alunos a desenvolverem um olhar crítico de seu espaço cotidiano, partindo das ruas, praças, bairros e pela cidade como um todo.

A pesquisa teve como objetivo buscar alternativas no âmbito da Geografia escolar, buscando ultrapassar a barreira e o estigma criado ao longo do tempo - como supracitado -, visando a compreensão das realidades dos alunos através da observação do seu cotidiano, sendo as Trilhas Urbanas o vetor responsável dessa visualização.

Na educação básica a Geografia escolar é responsável por articular os diferentes conceitos e categorias de análise, como espaço, região, paisagem, lugar, cidade e etc. Além disso, Freire (2004) nos instiga a refletir sobre a necessidade e o “porquê” de significar o ensino (neste caso, o geográfico). Aliás, de nada serviria ensinar conceitos abstratos que podem estar distantes da assimilação básica dos educandos que poderia fazer o efeito contrário ao almejado: o distanciamento. Desta forma, é necessário que o ensino forneça a capacidade dos alunos de criar, recriar e significar o que foi aprendido, além de se sentir integrante do processo.

O artigo está dividido - além desta introdução - em metodologia, ressaltando como se deu o processo de pesquisa e acompanhamento da atividade; referencial teórico, denotando os principais autores ligados à temática bem como a linha de raciocínio conceitual; resultados e discussão, destacando os objetivos alcançados e as considerações finais.

A revisão de bibliografias referentes ao tema forneceu um aparato geral que as atividades poderiam alcançar, para isso, foram selecionadas orientações teóricas metodológicas de autores da área (Cavalcanti, 2008; 2001; Claudino, 2014; Lefebvre, 1991; Freire, 2004) e utilizando lições da pesquisa participativa e pesquisa-ação⁶. Ademais, foram utilizadas câmeras digitais para o registro efetivo da atividade. Também foi ministrado pelos bolsistas do PIBID uma oficina sobre educação patrimonial para contribuir com o conhecimento cultural dos alunos.

Inicialmente o professor de Geografia devido a dificuldade material de organizar aulas de campo, passou a valorizar o espaço circundante da escola. Foi refletido também sobre a validade e influência das trilhas urbanas nos alunos. A partir desse ponto trouxemos Cavalcanti (2008), Claudino (2014) e Freire (2004) para tratar sucessivamente, do processo de construção de conhecimento, desenvolvimento da cidadania ativa e territorial e exercício de uma educação libertadora.

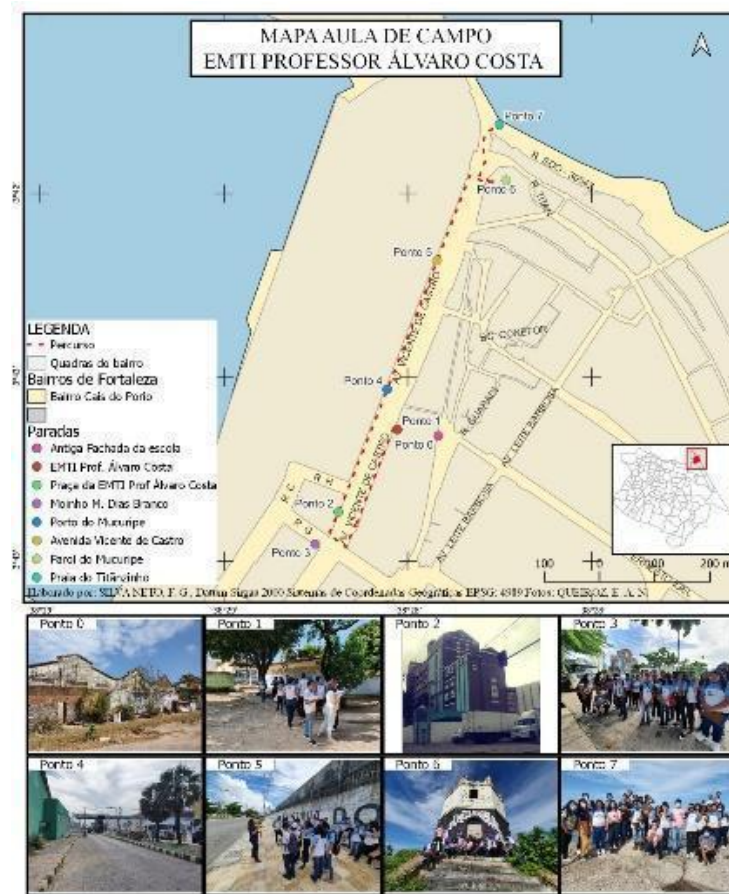
A organização dos alunos para participar das Trilhas no bairro se deu como referência às atividades feitas em anos anteriores. Foram escolhidos alguns alunos que manifestaram o interesse em participar da atividade. Após isso, foram planejados 7 pontos específicos nos arredores da EMTI. Prof. Álvaro Costa, a saber:

1. Antiga fachada da escola;
2. EMTI Professor Álvaro Costa;
3. Praça da EMTI Professor Álvaro Costa;
4. Moinho Manuel Dias Branco;
5. Porto do Mucuripe;
6. Avenida Vicente de Castro;
7. Farol do Mucuripe;
8. Praia do Titanzinho.

Abaixo, na Figura 1, há um mapa que situa geograficamente os pontos e as localidades.

⁶ Metodologia baseada na articulação do conhecer e do agir num viés que tende ao social, é comunicativo e também produtivo (Thiollent, 2005). No que diz respeito à efetivação de práticas docentes atualizadas a pesquisa-ação pode vir a surgir para suprimir problemas dentro da realidade escolar, considerando que ela credita o professor pesquisador como um curioso contínuo de sua prática e objetiva estabelecer ações que resultem em ganho para os envolvidos. “Partir de um problema definido pelo grupo, usar instrumentos e técnicas de pesquisa para conhecer esse problema e delinear algum plano de ação que traga algum benefício para o grupo” (ANDRÉ, 2006, p.33).

Figura 1 - Mapa com trajeto da aula de campo.



Fonte: SILVA NETO, F.G., 2022.

A antiga fachada da escola (Ponto 1) teve um destaque por existir uma rugosidade urbana⁷, além de estar adjacente à uma antiga linha férrea (ainda ativa, porém com menor uso) e pelo fácil alagamento da área, tendo sido fatores motivadores para a direção escolar preferir mudar a entrada da escola.

Já chegando dentro da EMTI Professor Álvaro Costa (Ponto 2) o destaque se dá por ser uma escola que teve sua estrutura refuncionalizada, sendo um antigo armazém da Companhia Brasileira de Armazenamento (CIBRAZEM). No mais, quando pensamos o contexto do lócus da escola, uma região periférica urbana, trazemos muitas das problemáticas apontadas por Lefebvre (1991).

⁷ “Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos” (SANTOS, 2012, p. 140).

A praça da escola (Ponto 3) tem como destaque a parceria público-privada com a fábrica do grupo industrial M. Dias Branco, revelando a capacidade de articulação do núcleo gestor ao conseguir parcerias com os grupos construtores da paisagem urbana que circunda a escola, além das ações sociais da empresa, que embora seja um valor ínfimo comparada a seus lucros e dividendos, geram impacto considerável na sociabilidade dos alunos.

O Moinho M. Dias Branco (Ponto 4) localiza-se próximo a escola, foi destacado o papel econômico exercido pelo grupo empresarial no cenário regional e nacional, além de uma pequena introdução da sua história.

O Ponto 5, que diz respeito ao porto do Mucuripe, destaque pela importância da atividade econômica, além das transformações nos bairros próximos, e também a influência no que Santos(2012), denomina de fluxos, condizente com a intensa atividade do modal rodoviário, tráfego intenso de caminhões e carretas na avenida Vicente de Castro em decorrência de sua construção.

A localização da escola, que tem na Avenida Vicente de Castro (Ponto 6) um dos principais meios de acesso à instituição escolar (e obviamente para os demais aparatos industriais) foi destacada pela movimentação intensa de caminhões advindos do fluxo vai-e-vem no porto do Mucuripe.

Farol do Mucuripe (Ponto 7): Destaque pela edificação ser o primeiro farol de Fortaleza. Atualmente o farol encontra-se abandonado, mesmo sendo um patrimônio material representativo para o lugar e para a cidade.

A Praia do Titanzinho (Ponto 8) teve seu destaque por ser um local de resistência da comunidade, além de abrigar vários praticantes do surf. Essa resistência é baseada na moradia de antigos moradores da região que sofrem diariamente com a pressão da especulação imobiliária.

O uso desta metodologia permitiu aproximar os conteúdos, conceitos e categorias de análises geográficos dos alunos, para dar uma resposta à recorrente pergunta do “por que eu preciso aprender isso?”, que dialoga muito com a perspectiva de Cavalcanti (2008).

Por fim, foi utilizado câmeras digitais para o registro efetivo da atividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Foi possível trabalhar com outros dois conceitos que fornecem uma abordagem crítica e provocativa, que garantem a busca pelo direito à cidade. Trata-se da Cidadania Ativa (CAVALCANTI, 2008) e Cidadania territorial (CLAUDINO, 2014). Ambas fornecem uma aproximação com a cidade e as condições pelas quais estão inseridos os alunos, os professores

e a escola, colocando os educandos como agentes principais na identificação de problemas relacionados ao cotidiano vivenciado, seja no bairro, rua ou cidade. É importante ressaltar que os alunos em seu cotidiano rotineiro produzem sua geografia, decorrente de processos, vivências, interações e saberes empíricos. A sala de aula é um ambiente rico que fornece um aparato de conhecimentos e conceituações pujantes.

Explorar tais conhecimentos têm sido cada vez mais constantes por parte do professor pesquisador. Considerando isso Cavalcanti (1998) ressalta:

“Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios. Assim, vão formando espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem, conhecimentos que são geográficos. Então, ao lidar com coisas, fatos e processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo geografias (no sentido de espacialidades) e, ao mesmo tempo, conhecimento sobre elas” (CAVALCANTI, 2012, p. 1)

Ao lidar com os conhecimentos e refletindo sobre tal é um dos caminhos projetados para a educação crítica e libertadora (FREIRE, 2004). As configurações do espaço geográfico não se consubstanciam por espontaneidade, sempre há uma intencionalidade por trás de uma justificativa rasa. Não é à toa que a escola lócus da pesquisa situa-se em um ambiente rico em aparatos industriais e de uma especulação imobiliária ferrenha. É um contraste perfeito (se não fosse cruel), fruto de uma segregação socioespacial que circunda a realidade dos alunos, que, porventura, ainda não são dotados de um conhecimento crítico e sistematizado. Todavia, os saberes dos alunos - por mais que ainda não sejam sistematizados e dotados de crítica - também são importantes, considerando que partindo de um saber do senso comum e inserindo-se em uma realidade crítica, é possível migrar de um conhecimento gnosiológico ou ingênuo, indo de encontro para a curiosidade epistemológica. Entretanto, essa mudança não ocorre de forma natural, deve haver um incentivo por parte do corpo docente. Segundo Paulo Freire:

“Pensar certo do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação, quanto ao respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente” (FREIRE, 2004, p. 32-33).

A trilha urbana realizada nos arredores da Escola Municipal de Tempo Integral (EMTI) Professor Álvaro Costa trabalha segundo (FREIRE, 2004.) para a progressão do conhecimento do senso comum em direção a uma curiosidade epistemológica, tornando os alunos cientes de todo o processo de apropriação dos espaços circunvizinhos da escola.

O conceito de cidadania territorial proposta por Claudino (2014) fornece uma visão sistematizada e política dos espaços, considerando - novamente - os indivíduos como detentores de direitos e deveres no modo de governar os espaços na cidade, é na cidade que há o processo de apropriação dos territórios em disputa. Assim, Sérgio Claudino destaca:

“[...] a inovação numa educação geográfica decididamente apostada na construção da cidadania territorial. Preferimos o conceito de cidadania territorial ao de cidadania espacial, por o território está diretamente relacionado com a apropriação, transformação e identificação das comunidades com o território em que habitam.” (CLAUDINO, 2014, p. 4).

Exercitando a cidadania territorial tendo as trilhas urbanas como um vetor para sua aplicação, acaba por tornar o espaço e o conhecimento do aluno dotado de um senso crítico e responsável pelos seus direitos e deveres. Além do mais, a atividade permite a absorção de informações mais específicas, que combatem o conhecimento superficial por ora conhecido.

Quando se fala de cidade é necessária uma reflexão mais profunda e detalhada dos processos que fizeram parte da constituição social desses lugares. Para que essa reflexão seja mais proveitosa é desejável que se busque, pesquise, visite, viva o objeto da pesquisa. As Trilhas urbanas surgem como uma opção que pode potencializar essa discussão. Exemplo de êxito das trilhas urbanas, são as organizadas e realizadas pelo Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), que está com a programação há mais de 15 anos.

Tendo em vista a percepção de Cavalcanti (2008) do papel ativo das populações na produção dessa categoria de análise, a experiência de alunos da educação básica da prefeitura de Fortaleza – CE foi mais um grande avanço na garantia da cidadania e no “viver” a cidade, que, assim, garantirá o direito à cidade pelos mesmos - na qual foi almejado como norte principal da atividade - , além de informações pertinentes à cidade, proclamadas pelas falas de professores e pesquisadores que participam das trilhas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desta atividade os alunos do sexto ao nono ano da Escola Municipal de Tempo Integral Professor Álvaro Costa, localizada no bairro Cais do Porto, que demonstraram mais curiosidade durante as aulas de geografia do docente responsável pela trilha urbana do bairro.⁸

⁸ O docente de Geografia da escola é mentor de uma trilha urbana aos arredores da escola, levando alunos da instituição de ensino bem como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no

Ademais os alunos demonstraram interesse ativo, apresentando bastante foco para o que estava sendo apresentado nos pontos da atividade. Foi ressaltado pelos alunos o não conhecimento da história mais específica de alguns pontos, denotando que as trilhas tem um potencial de materialização efetiva do direito à cidade.

Ao longo do percurso da trilha no bairro, ministrada pelo professor supervisor do PIBID (na EMTI Prof. Álvaro Costa) foi possível observar um processo de construção coletiva de uma cidadania horizontalizada, tendo em vista que os alunos trouxeram questionamentos para a trilha e apontaram problemáticas relativas às condições objetivas da realidade. Corroborando, assim, com a perspectiva de Souza et al(2004/2005) que entende que o ser humano torna-se de fato cidadão quando passa a partilhar dos bens constituintes de seu processo histórico. Não omitindo também o papel das aulas de educação patrimonial ministradas anteriormente pelos bolsistas PIBID⁹ da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Trilhas Urbanas na EMTI Professor Álvaro Costa tem contribuído com a educação geográfica no ensino básico e superior, por estar estritamente ligada com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) o que acaba permitindo o contato maior dos professores em formação com o chão da escola. É válido ressaltar a importância das atividades de campo de geografia no ensino fundamental, pois a saída do espaço escolar para realização de uma aula sobre a história e urbanização da cidade desperta curiosidade. Ao realizarem as trilhas os alunos começam a compreender as problemáticas urbanas e a partir disso começam a entender o direito à cidade e a buscar meios de sua efetivação.

Cavalcanti (2008) afirma que o direito à cidade é uma maneira de contrapor a organização dominante da sociedade contemporânea, que se autodenomina globalizada, porém esquecem que há desigualdades distribuídas por todo o espaço urbano. São essas perspectivas de discussão que as trilhas urbanas abordam com os participantes e orientadores. As problemáticas presentes no entorno da referida escola no grande Mucuripe, Fortaleza-CE, fortalece as discussões durante as trilhas, pois esses problemas são abordados dentro da geografia urbana e das indústrias, uma vez que, a escola é rodeada de indústrias. Lefebvre (1991) afirma que a cidade é um espaço produzido pelos agentes produtores do espaço e é

qual o mesmo também faz parte, sendo um dos professores supervisores do programa do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁹ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a docência regulado pelo Decreto n°7219 que busca, dentre outros objetivos, elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica (BRASIL, 2019).

onde se desenvolve as atividades sociais, ela é o vínculo que liga as pessoas com o espaço. Com isso é possível observar a importância do aluno entender o espaço em que vive e desenvolver as relações socioespaciais.

Por fim, a geografia atualmente é uma das ciências que aborda diretamente esses temas relacionados à cidade, e o ensino dessa ciência possibilita a formação para a cidadania, que faz com que as pessoas busquem seu direito de "viver" a cidade e "viver" na cidade, como também desenvolver suas práticas sociais considerando as diferentes problemáticas que estarão presentes no cotidiano urbano.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Diferentes tipos de pesquisa qualitativa. In: Etnografia da Prática Escolar. São Paulo: **Papirus**, 1995. pp.23-33.

BRASIL. Decreto Nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 de junho de 2010. Seção 1, p. 1.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. Cadernos Cedes, v. 25, p. 185-207, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia Escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, São Paulo: **Papirus**, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: **Papirus**, 2012. p. 45 – 47.

CLAUDINO, Sérgio. Escola, educação geográfica e cidadania territorial. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 18, 2014.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991. pp. 45-66.

ROSA, C. C. ; SOUZA, V. C. . Ensino de Geografia e Prática Cidadã no contexto metropolitano. **Revista Interface** (Porto Nacional) , v. 10, p. 56-69, 2015

SOUZA, Maria José Marques de. SILVA, Alexandre Ribeiro da. MAGALHÃES, Sandra Maria Fontenele. A Cidade e a Cidadania no ensino de Geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. v.6/7. n. 1.p 51-59. 2004/2005.

DE SOUSA NETO, José Luiz. *et al.* **Nós Propomos Uma Educação Geográfica Cidadã: A Experiência Na EMTI Professor Álvaro Costa, Fortaleza-CE, Brasil**. II Congresso



Iberoamericano Nós Propomos, Geografia, Educação e Cidadania. 2022. Disponível em <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-555b27a33c2938e732e87f10f3e354c4fdef2741-arquivo.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. 14a ed. São Paulo: **Editora Cortez**, 2005.